

Abuso sexual: hermenêutica e reflexos existências – uma compreensão gestáltica

Sexual abuse: Hermeneutics and existential reflections – a Gestalt's understanding

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2014.13788>

Dnd^a Iana Sara Silva de Alencar

iana.sara.psy@gmail.com

Universidad de Ciencias Empresariales
y Sociales - Buenos Aires, Argentina

Neste artigo, a temática do abuso sexual é abordada a partir da visão da vítima, relacionando o acontecimento em questão com as possíveis predisposições psicopatológicas apresentadas pela mesma no decorrer de sua vida. Por essa razão, é imprescindível considerar o significado do tema, suas implicações existenciais, sua representação social e a exposição (por vezes não formulada) da vítima, para que seja norteado assim, o desenvolvimento psicoterápico quando a questão for emergente no *setting* terapêutico. A base para a compreensão aqui apresentada está fundamentada na Gestalt-Terapia e suas nuances, a partir da correlação dos bloqueios de contato provenientes do abuso sexual refletidos no decorrer da existência do ser, uma vez violentado psicologicamente e moralmente.

PALAVRAS-CHAVE

hermenêutica. abuso sexual. significado.
existência. gestalt-terapia

In this article, the issue of sexual abuse is addressed from the perspective of the victim, relating the event concerned with possible predispositions psychopathological presented the same throughout his life. For this reason, it is essential to consider the significance of the topic, its existential implications, its social representation and exposure (sometimes not formulated) of the victim, to be guided thereby developing psychotherapy when the issue is emerging in the therapeutic *setting*. The basis for understanding presented here is based on Gestalt Therapy and its nuances, from the correlation of the contact blocks from the sexual abuse reflected during the existence of the once abused psychologically and morally.

KEY-WORDS

hermeneutics. sexual abuse. meaning.
existence. gestalt therapy

Introdução

Nos tempos hodiernos, a eminência de casos relacionados ao abuso sexual segue confrontando a sociedade e suas diretrizes, dado o ato de violência implícito, que pressupõe socialmente a quebra do livre-arbítrio da vítima em relação a não escolha de vivenciar tal situação; estendendo-se a quaisquer classes sociais e etnias.

Para uma significação mais apurada, Azevedo e Guerra (1998) denominam por abuso-vitimização sexual todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. Com base nesta afirmativa, entende-se que tal violência, por dirigir-se a um ser menor de idade, o que, legalmente constitui um crime.

A Lei n.º 8.069, de 13/07/1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art. 5º assegura que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Nesse sentido, os caracteres supracitados, também se incluem em:

Forçar ou incitar uma criança ou jovem a tomar parte em atividades sexuais, estejam ou não cientes do que está acontecendo. As atividades podem desenvolver contato físico, incluindo atos penetrantes e atos não penetrantes. Pode incluir atividades de contato, tais como levar a criança a olhar ou produzir material pornográfico ou a assistir atividades sexuais ou encorajá-la a comportar-se de maneiras sexualmente inapropriadas (SANDERSON, 2005, p.5).

Neste sentido, a conotação para tal prática pressupõe uma violação, um descumprimento de ordem e uma quebra de parâmetros morais, por se tratar de uma regulamentação oficial o repúdio a esse tipo de ato. Assim, se socialmente algo é motivo de desaprovação, o significado subjetivo para a vítima, possivelmente, passa a ser configurado da seguinte forma: A pessoa abusada sexualmente processa dentro de si a crise de ter experienciado um ato imoral e ilegal; sofrendo, uma vez revelado o abuso, um julgamento de seu meio social;

a quebra de um período biologicamente programado para outras vivências e descobertas, como afirma Zanelli (1996), que da meninice à velhice, a vida é contínua mudança.¹

De acordo com Miller (2000), o trauma do abuso sexual, com intrusão violenta no corpo e na mente da criança, pode ser ligado imediatamente à ruptura do desenvolvimento cognitivo e emocional. Mediante tudo isso, a Psicologia nos traria, em meio às nuances de suas correntes e abordagens, muitas informações e pressupostos de que, acerca da história de um indivíduo não há argumentos limitantes. As bases biológica, social e emocional, são elementares, porém, incapazes de determinar o curso existencial de uma pessoa.

Por essa razão, ainda que a vítima percorra caminhos de intensa insatisfação pelo acontecido, sempre existirá a possibilidade de ressignificar sua história. Essa compreensão é mais bem elaborada a partir da Gestalt-Terapia.

Gestalt-Terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia de vida, uma forma de ser, e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele. Gestalt-Terapia é a organização prática da filosofia da Gestalt. Felizmente o gestalt-terapeuta é antes identificado por quem ele é como pessoa, do que pelo que é ou faz. (PERLS, 1977, p. 14).

1. A sexualidade como parte integrante da personalidade

Independentemente do gênero, é imprescindível uma maturação fisiológica, conceitual e subjetiva para a iniciação e percepção da própria sexualidade. Há de se destacar que esse conceito não faz alusão apenas à prática sexual ou à erotização, sobretudo, ao autoconhecimento de si mesmo. A sexualidade faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”, revela Louro (2008b, p. 81).

¹ Uma vez que, na maioria dos casos, o abuso sexual acontece na infância, ocasionando a perda involuntária da inocência da pessoa vitimada, a níveis de sexualidade e, conseqüentemente, o luto.

A expansão desse tema tem sido mais promulgada nas escolas. É no contexto educacional que as crianças e adolescentes aprendem, pela primeira vez, sobre os conceitos teóricos da sexualidade e como ela se estrutura dentro das limitações corporais. A família, de forma geral, ainda encontra dificuldade de estabelecer o diálogo e a explicitação de quaisquer questões relacionadas a isso, por uma associação cultural de que, falar de sexualidade é sinônimo de falta de pudor. Eis a razão da dificuldade de muitas vítimas em contar sua experiência de sofrimento, uma vez abusadas sexualmente.

Para Fagundes (1995), se uma criança não tem desde cedo um esclarecimento sobre assuntos ligados ao sexo, não compartilha seus medos e ansiedade com seus pais. E os pais não lhe dão *apoio* nas suas descobertas, certamente ela será um adolescente carregado de dúvidas buscando em revistas e conversas com amigos o entendimento deste processo e, provavelmente, um adulto com complexos, culpas e preconceitos, a sexualidade infantil estabelece as bases para sexualidade na adolescência e para a sexualidade na vida adulta.

Uma vez que a personalidade refere-se ao modo particular de pensar, sentir e perceber o mundo, seus elementos são formados a partir da hereditariedade, meio social e vivências culturais de valores, incluindo a ética e a religião, assim, as reações afetivas de cada pessoa, constituem uma resposta às suas convicções e estrutura da personalidade. É justamente no intervalo da infância para a adolescência, que esse constructo aparece como norteador de escolhas e padrões que darão sentido à existência de cada um.

Indubitavelmente, se este período for marcado por experiências traumáticas, especialmente relacionadas à sexualidade, o índice de uma personalidade com traços disfuncionais torna-se eminente

Igualmente, partindo do pressuposto de que o contato com o outro funciona como uma extensão da visão própria de si mesmo subtende-se que a vítima do abuso sexual estará predisposta a significar de forma negativa diversas situações cotidianas, incluindo a desconfiança em outrem ou o oposto – o apego excessivo, tal qual, outras variantes que podem comprometer a vida pessoal, os relacionamentos interpessoais, a própria busca pelo crescimento material, a inserção em círculos sociais, a dificuldade de relações afetivas de gênero igual àquele de quem a (o) abusou sexualmente.

2. Predisposições Psicopatológicas em Vítimas de Abuso Sexual

Jaspers (2003), afirma que a *Psicopatologia* seria responsável pelo estudo das manifestações da consciência sejam essas manifestações consideradas normais ou anormais. Tais manifestações derivam de ordens biológicas, neurológicas e, sobretudo, de experiências causadoras de danos psíquicos a partir da má elaboração e/ou não aceitação do acontecimento.

Duarte & Arboleda (2004), relatam que crianças e adolescentes que são abusadas sexualmente podem desenvolver transtornos de humor, ansiedade, alimentares, transtorno do estresse pós-traumático, enurese, encoprese, transtornos dissociativos, hiperatividade e déficit de atenção.

Ferrari & Vecina (2002), apontam que as conseqüências mais freqüentes são: transtorno do sono, medo, culpa, depressão, baixa auto-estima, conduta sexual anormal (masturbação compulsiva e exibicionismo), agressividade, angústia, ansiedade, sentimentos de estigmatização, dificuldades escolares, fugas do lar e delinquência. De acordo com Silva (2012), o alto nível de ansiedade decorrente do abuso pode trazer problemas como obesidade, anorexias, alergias, problemas do trato digestivo, taquicardia, tontura, falta de ar, uso de bebidas, cigarro e drogas. Cada uma dessas atribuições remete à reflexão de como esses indícios interferem socialmente na vivência dessas pessoas, uma vez violentadas.

O trauma do abuso sexual, com intrusão violenta no corpo e na mente da criança, pode ser ligado imediatamente à ruptura do desenvolvimento cognitivo e emocional, dando lugar a distúrbio grave e, em casos mais extremos, a estados psicóticos. (Miller, 2000, p. 71).

Todas essas predisposições podem surgir a curto e longo prazo. Padilha (2002) diz que as habilidades sociais empobrecidas também constituem uma conseqüência da violência sexual.

Haja vista todas essas predisposições é mister ressaltar que estas não se caracterizam como determinantes, tampouco, que toda pessoa vítima da violência aqui abordada desenvolverá qualquer síndrome ou sintomatologia; comorbidades ou transtornos; apenas que são fatores a serem observados. A priori, não há de se estigmatizar toda pessoa abusada, pois cada uma representa seu todo

particular, ou seja, ela não é apenas “a vítima”, mas carrega consigo potencialidades, outras histórias, e grandes possibilidades de transformação.

3. A compreensão do curso existencial da vítima de abuso sexual na Gestalt-Terapia

A Gestalt-Terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia de vida, uma forma de ser, e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele. Gestalt-Terapia é a organização prática da filosofia da Gestalt. (PERLS, 1977).

Neste enfoque, busca-se resgatar na pessoa vitimada o senso de responsabilidade pessoal por suas decisões do presente, principalmente, em relação ao que ela pode escolher de hoje em diante, pois, ainda que a vítima tenha sido violentada em seus aspectos gerais, sempre existirá a opção de atuar em prol do resgate de sua existência, de fazer algo por si mesma, de não conformar-se em ser vítima também das outras situações, de não justificar suas frustrações e possíveis fracassos por aquilo que aconteceu no passado. Não se desmerecem nessa abordagem a dor e o sofrimento decorrentes do abuso sexual, mas, o foco passa a ser o que esse fato produz hoje na vida da pessoa, como ele atua na estruturação da sua caminhada, que sensações isso lhe traz e, principalmente, o que pode ser feito aqui-agora para que o momento presente seja vivido intensamente.

Tudo isso pode ser abordado em psicoterapia com vítimas dessa violência sexual, o que é extremamente indicado. Outro fator relevante é o fato de que muitas pessoas abusadas só conseguem relatar pela primeira vez sobre a referente situação em setting terapêutico.

Na Gestalt, o “aqui-agora” é incorporado na terapia como uma espécie de estratégia de enfoque, ou seja, todo trabalho terapêutico estará centrado no cliente que o traz, naquilo que neste momento ele vive – seus pensamentos, sensações, sentimentos e intuições – e não descartando qualquer tipo de informação que seja percebida e que seja relevante no processo terapêutico. Isso

quer dizer que todas as informações são consideradas [...] todas as coisas que estão acontecendo aqui-agora. (RODRIGUES, 2000, p.60).

Quando a pessoa traz à tona a experiência negativa do abuso, busca-se, em Gestalt, o resgate das sensações que este fato provoca atualmente no paciente/cliente. Não nos é interessante, neste enfoque, relembrar passo a passo o que foi vivido no passado, tampouco regressar à época da ocasião. A principal intenção é produzir insights verdadeiros e clarificar que passado que não passou, é presente; portanto, deve ser elaborado e ressignificado. Logo, a figura de maior responsabilidade de uma pessoa deve por essência ser ela mesma. Sabe-se que o agressor se torna a figura que violentou, sendo o alvo das responsabilidades. De fato, pela violação de todos os aspectos já vistos e descritos, há uma responsabilidade moral e jurídica por parte deste, o que confere, inclusive, à reclusão. Porém, compete necessariamente à pessoa violentada, a conscientização de retomar sua jornada enquanto ser no mundo.

Quando esta tomada de consciência é chegada, a certeza de que o meio social, as influências, as crises, as condições orgânicas e econômicas tornam-se fatores a serem observados, mas jamais motivo para desistência. É imprescindível lembrar que isso é uma variante de pessoa para pessoa, mas que a probabilidade de sucesso é sempre maior quando se tem esse insight. O que as pessoas vêm de nós não determina o que seremos se nossa própria visão em relação à vida é motivadora. A compreensão da Gestalt remete à mesma percepção de Sartre: Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você.²

É importante enfatizar que o processo de retomada do crescimento faz com que a pessoa possa transitar pelas diversas camadas, sem que haja, necessariamente, uma sequência de fluxo, ou seja, o indivíduo pode experimentar seus medos, voltar a desempenhar papéis, manifestar-se autenticamente e ‘retornar’ à primeira camada. [...]. (Cardella, op.cit, p. 53).

2 Francês, escritor e dramaturgo, foi também um filósofo revolucionário de sua época com sua paixão pela plenitude da existência humana: Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980).

Nesta perspectiva, o “eu” é composto de suas limitações, frustrações, angústias, alegrias; enfim, todas as sensações e percepções possíveis à pessoa humana que são refletidos no cotidiano e nas relações interpessoais. Os processos subjetivos de cada um formam um todo em determinado contexto. A diferença está na certeza de que a pessoa humana é o próprio agente do seu processo de mudança.

Desde então, a ideia de que a existência é a base, ou seja, a essência (acontecimentos, ações, valores) é sempre precedida do existir, geram a certeza de que temos a total responsabilidade por aquilo que somos e/ ou escolhemos, portanto, não há outros culpados por nossa situação atual. A possibilidade de mudança e a criatividade humana são recursos inatos do homem; contudo, esses atributos, podem ser perturbadores quando mal resolvidos, daí surge o princípio da Psicopatologia.

Se uma pessoa não possui o senso de responsabilidade individual, se a percepção de que as coisas mudam e evoluem não for consistente, se a angústia causada pela situação de violação e abuso não for elaborada, estados de ansiedade e outros sintomas podem desencadear determinados transtornos. É nessa ocasião que a Gestalt surge como mediadora de uma escalada rumo à superação e ao encontro com o que existe de puro e belo em cada pessoa, formulando a decisão espontânea e autêntica sobre o que fazer no presente com as recordações e sensações passadas que ainda manifestam-se. A mudança de atitude em relação à vida pode ser redescoberta.

A partir da especificidade de cada pessoa é feito o processo psicoterápico que pode ser “preventivo ou de intervenção”, auxiliando o indivíduo a perceber sua própria vida e as possibilidades que ele tem de desenvolver-se independentemente de como esteja e orientando-o conscientemente sobre a capacidade inata que este possui para realizar, superar desafios, desenvolver-se e libertar potenciais ocultos de criatividade.

Se somos de fato aceitos por pessoas significativas para nós e nos aceitamos, paramos de nos julgar e de aceitar os eternos julgamentos alheios e, assim, desenvolvemos (recuperamos?), como consequência, a autoconfiança e a auto-estima, indispensáveis para a aventura de experimentar o novo, para a aventura de viver. E, experimentando o novo dessa forma (diminuindo os julgamentos externos ou internos e as pressões decorrentes), voltamos a ser mais livres, e assim, passamos a ter a opção para nos manter como somos, se isso for o melhor, ou para mudarmos, se essa mudança fizer sentido, e só neste caso. (RIBEIRO, 1998, p. 59).

4. Vítimas do Abuso Sexual e a ressignificação das emoções em Gestalt-Terapia

Por ser uma filosofia do encontro, do contato e da responsabilidade pessoal, a Gestalt reforça os pressupostos essenciais para o recomeço de uma caminhada. Nesse sentido, a pessoa outrora abusada sexualmente encontra etapas de superação pelas quais necessita passar, para então elaborar sua vida no presente. Aqui, dar-se-á a dinâmica base da psicoterapia; a saber:

- A exposição da figura – aqui caracterizada pelo acontecimento do abuso sexual. Somente a partir do esclarecimento da Figura em questão é possível compreender as dimensões subjetivas do fato e, conseqüentemente, qual o Fundo sustentador. Segundo Yontef (1998), qualquer figura clara e vigorosa é significativa, pois num dado momento ela se destaca contra o pano de fundo da experiência desta pessoa.

O que o cliente diz jamais pode ser entendido em separado, pois a figura ‘tem’ um fundo que lhe permite revelar-se e do qual ela procede. Como eu estruturo minha percepção para perceber algo como figura e não como fundo e vice-versa é altamente significativo (RIBEIRO, 1985, p. 74).

- Como se configuram as Fronteiras de Contato da pessoa, uma vez abusada sexualmente – já que, por ter sido violentada, a maneira como esta pessoa lida com o outro, de reconhecê-lo como diferente e de lidar consigo mesma, pode estar afetada.

Contatar é, em geral, o crescimento do organismo. Pelo contato queremos dizer a obtenção de comida, amar e fazer amor, agredir, entrar em conflito, comunicar, perceber, aprender, locomover-se, a técnica em geral toda função que tenha de ser considerada primordialmente como acontecendo na fronteira, num campo organismo/ambiente (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 179).

- Conscientização do papel pessoal quanto à sua construção vital no presente – processo que, em Gestalt-Terapia, visa resgatar a autenticidade, através das escolhas conscientes que uma pessoa faz

em relação à sua vida, partindo de uma percepção mais clarificada sobre sua condição atual, suas perspectivas e o que pode ser feito em relação a isso. Essa dinâmica é o que em Gestalt chamamos de *awareness*, definida por Ribeiro (1994) “como a experiência de estar consciente da própria consciência [...] A pessoa que está consciente, *aware*, sabe o que faz, como faz, que tem alternativas e escolhe ser como é” (YONTEF, 1998, p. 31).

Logo, qualquer interrupção desse contato pessoal e com o mundo, nesta dinâmica, proveniente da violência sexual, é entendida como um *Bloqueio de Contato* a ser trabalhado com seu respectivo fator de cura a partir do desenvolvimento do processo terapêutico e experimentos que visem o resgate do que está, no momento presente, no lugar de defesa do *self*.

Conclusão

Ao final, entende-se que o abuso sexual, referido neste contexto em uma visão condicional da vítima, constitui uma agravante social por vezes encoberta diante de todas as representações morais que o ato desperta diante de uma sociedade. Os danos emocionais são, em maioria, aqueles capazes de impedir o renascimento das vítimas diante de sua própria existência. Há de se recriar o mundo interior apesar do que fora violado, muitas vezes encoberto durante anos como uma repressão a qualquer estigma que “ter sido abusado (a)” acarretaria.

Considera-se também como digno de acompanhamento àquele abusador, uma vez que se designa como patológico tal comportamento compulsivo. Contudo, este artigo se manteve nas entrelinhas da elaboração de um sentido menos doloroso por quem foi violentado; entendendo que a ânsia maior da vítima está na sua recuperação subjetiva, no suporte necessário para retomar seu caminho, na construção de contatos saudáveis, na elaboração de sentimentos positivos em relação à sua auto-imagem e no desejo de sentir-se livre das prisões do passado.

Todas essas perspectivas aliam-se à filosofia e prática psicoterápica da Gestalt-Terapia, como uma ponte para a ressignificação de conteúdos mal elaborados, através de uma visão humanista, pautada na importância da preservação do outro, promovendo a formação de pensamento e favorecendo, através das experiências, um processo de transformação ao criar condições para o amadurecimento pessoal no decorrer da vida.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. (org). *Crianças vitimizadas e síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1985.

CARDELLA, B.H.P. *Amor na Relação Terapêutica: uma Visão Gestáltica*. Summus Editorial. São Paulo: 1994.

DUARTE, J.C., & ARBOLEDA, M.R.C. (2004). *Sintomatologia, avaliação e tratamento do abuso sexual infantil*. In V. Caballo (Ed.), *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos Gerais* (pp.293-321). São Paulo: Santos.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

FAGUNDES, T. *Educação Sexual, construindo uma nova realidade*. Salvador, UFBA, 1995.

FERRARI, C. A., & VECINA, C. C. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: Teoria e prática*. São Paulo: Agora.

HABIGZANG, L. F., & CAMINHA, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

JASPERS, K. *Psicopatologia Geral - Psicologia compreensiva, explicativa e fenomenológica*. 8ª edição. São Paulo: Atheneu, 2003.

MILLER, L. *Dificuldade de estabelecer um espaço para pensar a terapia de uma menina de sete anos*. Estados psicóticos em crianças. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

PADILHA, M. G. S. *Abuso sexual na infância e na adolescência: você pode descobrir o que está acontecendo*.

In: BRANDÃO, M. Z. et al. *Comportamento Humano*. Santo André: ESETec, 2002.

PERLS e orgs. *Isto é Gestalt*. Summus: São Paulo, 1977.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, J. P. *Gestalt-Terapia: o processo grupal*. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *O Ciclo do Contato*. Brasília: Ser, 1995.

RIBEIRO, W. *Existência e essência: desafios teóricos e práticos das terapias relacionais*. São Paulo, Summus, 1998.

RODRIGUES, H.E. *Introdução à Gestalt-terapia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SANDERSON, C. *Abuso sexual em crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo, SP: M. Books do Brasil, 2005.

YONTEF, G.M. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1998.

ZANELLI, J. C. SILVA, N. *Programa de Preparação para Aposentadoria*. [S.l.]: Insular, 1996.